

BAIRRO, ESCOLA E INTEGRAÇÃO SOCIAL DE JOVENS NEGROS EM LISBOA E SÃO PAULO

Marco Aurélio Paz Tella

Introdução

Historicamente, as áreas mais abastadas de muitas cidades sempre receberam mais atenção e proteção do poder público, como o maior volume dos investimentos estatais destinados à segurança, ao transporte, melhoria de vias públicas, etc. Os grupos mais pobres e subordinados sempre são relegados à periferização, a fim de isolar e proteger a população mais rica de qualquer tipo de contato. Há grupos que dominam o poder político e econômico, organizam e hierarquizam étnica e socialmente a cidade, impondo normas proibitivas e segregacionistas à população negra e aos mais pobres¹.

Em decorrência deste processo, a cidade se torna cenário de manifestações de afirmação/reafirmação de valores, práticas e ideais sócio-culturais, de grupos sociais de perfil religioso, político, de gênero, esportivo, artístico, de orientação sexual, de identificação étnica que dialogam, associam-se, disputam espaços na cidade, entram em conflito. Dentro desta dinâmica, cidades como São Paulo e Lisboa crescem e espalham-se territorialmente, combatendo resistências sociais e culturais. Tal expansão é comandada por grupos dominantes e o Estado que, quando não somente observa suas ações, participa como instrumento desses grupos no “planejamento” da cidade.

A periferização da população negra e pobre acarreta problemas como a péssima qualidade de vida aos seus moradores, sem equipamentos e serviços públicos, que limitam o “acesso de grupos particulares ou pessoas a recursos ou aos direitos de cidadania” (Telles, 2003, p. 17). Grandes cidades brasileiras, como São Paulo, aproximam-se bastante desse modelo de segregação socioeconômica (Véras, 2003) do espaço urbano, que coloca os brancos pobres e a grande maioria da população negra lado a lado nos bairros periféricos. A desqualificação social e a segregação espacial da maioria dos negros decorrem da presença expressiva

¹ Mas, a cidade também é um espaço de manifestações, revoltas, conflitos e lutas sociais.

desses entre os mais pobres, equilibrando e, às vezes, até superando, em números absolutos, os brancos em bairros mais distantes e pobres de São Paulo, como Brasilândia, Capão Redondo, Jardim Ângela e Cidade Tiradentes (Silva, 2004). Em Lisboa, e em sua Área Metropolitana, os bairros degradados e de lata² são predominantemente habitados por migrantes – também por seus filhos e netos – das ex-colônias portuguesas na África.

Assim, as cidades capitalistas globais, como São Paulo e Lisboa, atualmente, continuam a “isolar suas partes malditas, vergonhosas, afastando moradias populares para longe, evitando até caminhos em sua direção ou maquilando-as” (Véras, 2003, p. 26).

Este texto pretende analisar percepções de jovens negros³ dos bairros 6 de Maio⁴, na cidade de Amadora, Área Metropolitana de Lisboa, e Cidade Tiradentes⁵, localizado na extrema zona leste da cidade de São Paulo, sobre o bairro onde moram e a escola onde estudaram, a partir de um estudo comparado da percepção sobre racismo entre os dois bairros. Meu foco não é a análise da orientação ou conteúdo pedagógico do sistema escolar de ambos os países, mas as semelhanças na interpretação realizada pelos jovens entrevistados sobre as relações sociais entre eles e seus colegas, e professores na escola e no bairro.

O texto tem como base o trabalho de campo realizado para o doutoramento⁶ que, além da observação participativa e de entrevistas com chefes de polícia e outros moradores nos dois bairros, consistiu na realização de oito

² Os bairros de lata são assim chamados porque o material que se constrói as pequenas casas é de lata. Esses bairros são muito parecidos com as favelas brasileiras.

³ No processo de seleção dos entrevistados, usei três critérios: os jovens tinham que se autodenominarem, de “preto”, “negro”, “afro-descendente”, “afro-brasileiro” e “afro-português”, “lusu-português” ou “africano”, em relação a Portugal (jovens que se denominavam “mulato”, “mestiços” ou outros termos com que caracterizassem mestiçagem foram descartados); a observação da pele escura feita pelo pesquisador; e jovens que tiveram pouca ou nenhuma participação em movimentos culturais negros ou de matriz africana.

⁴ Os afro-portugueses são filhos de imigrantes de cabo-verdianos. Por isso, os entrevistados não têm a mesma condição jurídica, apesar de terem nascido em Portugal.

⁵ Embora me refira como bairro, Cidade Tiradentes é um distrito (a cidade de São Paulo está administrativamente dividida em distritos, não mais em bairros) onde foi construído o maior conjunto habitacional (Cohab) da zona leste da cidade de São Paulo, ao longo do trabalho, ora me refiro a Cohab, ora ao bairro Cidade Tiradentes, mas a utilização do termo bairro designa as áreas onde os jovens negros entrevistados moram, termo também utilizado no cotidiano desses e dos afro-portugueses.

⁶ “Estigmas e paradoxos: um estudo comparativo das relações raciais em São Paulo e Lisboa”. Tese de Doutorado em Antropologia, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2006.

entrevistas com jovens, homens e mulheres, negros moradores do bairro Cidade Tiradentes, e oito entrevistas com jovens, de ambos os sexos, negros moradores do bairro 6 de Maio. Os bairros Cidade Tiradentes e 6 de Maio foram selecionados para esta pesquisa porque apresentam alta concentração da população negra de baixa renda.

Diferentemente dos EUA e África do Sul, Brasil e Portugal nunca aplicaram leis explicitamente segregacionistas e racistas. A complexidade das relações raciais no Brasil e em Portugal é, em grande parte, resultado das ideologias raciais contraditórias que predominaram em diferentes períodos da história destes dois países, como, por exemplo, os “toleracionistas” em Portugal, que condenavam o tráfico e o trabalho servil, mas, ao mesmo tempo, resistiam ao rompimento com o sistema escravocrata, pois achavam que a sociedade dependia de tal estrutura e, no Brasil, temos o exemplo da apropriação e adaptação de teorias científicas raciais eugênicas que condenavam o negro e o mestiço (Telles, 2003, p. 44). E por último, há a ideologia que inverteu a imagem negativa da população e da cultura de matriz africana, o luso-tropicalismo.

O luso-tropicalista apresentou uma nova roupagem sobre as relações raciais em Portugal e no Brasil, que, segundo Freyre (1953a), foi reflexo do “bom” método lusitano de colonizar. O objetivo do luso-tropicalismo foi demonstrar que portugueses e, por herança cultural e política, brasileiros, possuíam uma predisposição e capacidade genuína para a miscigenação. Mas, ao fazer isso, minimizou histórias de opressão, exploração, desqualificação social impostas aos africanos e seus descendentes. Em razão desse paradoxo, haveria uma singularidade nas relações raciais em Portugal e no Brasil.

A ideologia luso-tropicalista influenciou as populações de Portugal e Brasil a tratarem os conflitos raciais de forma superficial, como se não houvesse questões estruturais, considerando qualquer forma de preconceito racial como uma ocorrência no campo da individualidade das pessoas, e não reflexo das desigualdades das relações sociais, raciais e de poder.

No Brasil, segundo as pesquisas Datafolha/1995 e NOP-FPA/2003⁷, foi perguntado a brancos e pardos⁸ se “Você tem preconceito de cor em relação aos negros?”, 88% e 89%, respectivamente, declaram que não tem preconceito contra os negros, na pesquisa de 1995. Estes números subiram para 95% e 96%,

⁷ A pesquisa realizada pelo Datafolha, em 1995, foi realizada logo depois da declaração do presidente Fernando Henrique Cardoso, reconhecendo a existência de discriminação racial no Brasil. Em 2003, a pesquisa foi resultado da parceira da FPA (Fundação Perseu Abramo) e da Fundação alemã Rosa Luxembur Stiftung, com a realização do NOP (Núcleo de Opinião Pública).

⁸ Esta classificação foi adotada pelos institutos de pesquisa responsáveis, que seguem as classificações do senso do IBGE.

respectivamente, na pesquisa de 2003. Em 1995, os resultados apresentavam que 60% dos brancos e pardos acreditavam na existência de muito preconceito de cor dos brancos em relação aos negros. No levantamento de 2003, os números diminuíram, embora se mantivessem altos, superando ainda mais da metade dos interrogados: 51% e 53%, respectivamente afirmaram que os brancos têm preconceito de cor em relação aos negros. Quase a totalidade das pessoas que responderam a pesquisa disse que não tem preconceito racial, ao mesmo tempo em que mais da metade afirmaram que existe discriminação em relação à cor da pele.

Machado (2001) cita Barganha⁹, no caso de Portugal, onde 60% dos portugueses brancos disseram não serem racistas e acreditam que seu país está livre do racismo. Entre os 40% de portugueses que acreditam haver racismo em Portugal, disseram conhecer

...alguns casos de racismo nos seus círculos de amizade, e mais de 80% consideram que o racismo aumentou na primeira metade dos anos 90. São poucos aqueles que dizem importar-se que os filhos tenham como amigos ou brinquem com crianças de raça diferente, mas, paralelamente, cerca de 70% e 40% não gostariam de morar perto de um acampamento de ciganos ou de um bairro de negros, respectivamente. (Machado, 2001, p. 54).

Como no Brasil, em Portugal o discurso cordialesco e de superação do racismo é forte, o que não demonstra de maneira nenhuma que nesse país haja predominância do racismo “camuflado” ou não explícito defendido por alguns cientistas sociais (Vala, 1999). O alto índice de pessoas que não se consideram racistas em ambos os países também é reflexo das campanhas e reprovações públicas e penais¹⁰ contra atitudes racistas, como também da adesão de grande parcela da população de Portugal e Brasil ao discurso do “politicamente correto”.

Assim, os resultados das pesquisas apresentados acima expressam a singularidade das relações raciais em Portugal e no Brasil. Isto faz com que haja dificuldade na aceitação de ações intervencionistas (ações afirmativas) do Estado, como também da aceitação pública dessas, que objetivem minorar as desigualdades. Quando há políticas governamentais afirmativas ou de reparação, vários setores da sociedade – políticos, acadêmicos, empresariais, entidades sociais, ONGs – criticam, com a justificativa de que o Estado estaria privilegiando a

⁹ Fernando Luis Machado apresenta dados retirados do texto da Maria Ioannis Barganha, *Immigrant Insertion in the informal Economy: The Portuguese Case*. Coimbra, CES/ Universidade de Coimbra: 1996.

¹⁰ Embora seja muito difícil alguém ser preso por crime de racismo no Brasil, mas esta é uma discussão para um outro momento.

população negra, e discriminando os demais, ou que estaria construindo diferenças raciais, contribuindo para tensões e conflitos entre brancos e negros.

A partir desta discussão, meu foco recai sobre o cotidiano e as biografias dos jovens entrevistados, pois é a principal fonte de investigação para analisar percepções e leituras das relações sociais.

Os Bairros

Cidade Tiradentes é resultado da política pública no setor de habitação. No Brasil, a política de Estado adotada são os Conjuntos Habitacionais (Cohab), que visam financiar moradias para famílias de baixa renda, construindo casas e apartamentos na periferia onde os terrenos mais longínquos são os mais desvalorizados. Os conjuntos habitacionais nas grandes cidades do Brasil nasceram de grandes investimentos no setor de habitação popular feito pela União, no período do último regime militar (1964-1985), que tem o objetivo de minimizar o déficit habitacional nas grandes cidades e possibilitar a compra da casa própria. Entretanto, o governo nunca conseguiu financiar casas para famílias com renda inferior a três salários mínimos¹¹. Assim, ao invés de solucionar o problema, houve uma intensificação do déficit habitacional, principalmente a partir da década de 1980 (Nakano, 2002), o que favoreceu a favelização, o encorticiamento e periferização das famílias mais pobres, que começaram a ocupar áreas irregulares em bairros mais centrais e nas fronteiras das grandes cidades. Nas áreas centrais houve a proliferação das habitações coletivas, cortiços e de pequenas favelas.

O programa habitacional Cohab reproduziu o modelo de apropriação, segregação e controle dos territórios e das camadas mais pobres e da maioria da população negra, separando-os não só daqueles que detêm o poder econômico e político, mas também das regiões mais nobres e socialmente equipadas da cidade de São Paulo.

Em Portugal, particularmente em Lisboa, ocorreu a remoção dos bairros degradados e de lata da cidade substituídos por Habitações Sociais (HS), por meio do Plano Especial de Realojamento (PER), um programa de habitação apoiado pela União Européia, que contava com a parceria da Câmara Municipal de Lisboa e do Ministério das Obras Públicas. A assinatura do PER causou debates públicos na imprensa e a imagem dos bairros degradados foi bastante destacada: “a visão oficial e popular sobre os bairros de barracas como guetos, sua vinculação com a marginalidade e a necessidade de se evitar nos novos bairros de realojamento a (re)criação dos guetos” (Gusmão, 2005, p. 225).

¹¹ Para a inscrição no programa da casa própria do BNH, as famílias tinham que ter renda entre 3 e 5 salários mínimos.

O objetivo do PER era distribuir as famílias de origem africana e seus familiares portugueses em bairros diferentes, o que refletiu no rompimento e proximidade das relações sociais que eram mantidas nos bairros degradados, para evitar a reprodução de “maus” hábitos, de acordo com o imaginário social e o pensamento oficial português.

Ainda que o 6 de Maio não seja uma Habitação Social, o bairro sofre as consequências da política habitacional implementada pelo Estado português, como a recepção de pessoas e famílias, antigos moradores dos bairros degradados e de lata removidos pelo PER. O aumento populacional do bairro acarreta no aparecimento de problemas sociais que antes não tinham ou eram pouco percebidos pelos antigos moradores, como assaltos, pequenos furtos, consumo e tráfico de drogas, etc.

Embora sejam exemplos de segregação espacial e percebidos como guetos pela mídia e senso comum, os bairros 6 de Maio¹² e Cidade Tiradentes possuem formação, história e características particulares, onde desenvolvem práticas sociais, redes de sociabilidades, de rejeição, identificação, espaços de solidariedade, de formação de grupos religiosos, culturais, sindicais, de jovens, de mulheres, de terceira idade e, ao mesmo tempo, são espaço de conflitos, tensões, violência. São bairros caracterizados pela mídia e senso comum com uma certa homogeneidade étnico-social, no entanto apresentam grande heterogeneidade, determinante na percepção das pessoas sobre o próprio bairro. Assim, o bairro não deve ser considerado apenas como um espaço administrativo, mas como espaço onde as pessoas constroem laços afetivos, de solidariedade e de referências. Ambos os bairros são lugares antropológicos, porque apresentam três características comuns, como espaços que pretendem ser identitários, relacionais e históricos (Augé, 1994).

Todos os jovens entrevistados de ambos os bairros mostram identificação com o lugar onde moram, destacando alguns elementos positivos, como as relações com a vizinhança e a solidariedade. A intensa convivência entre vizinhos se deve, em grande parte, à alta densidade demográfica destas áreas, que reflete na proximidade das moradias tanto no bairro 6 de Maio como nas casas e apartamentos da Cohab Cidade Tiradentes.

A proximidade das moradias faz com que as pessoas se conheçam e em alguns momentos troquem pequenos favores cotidianos, como auxiliar os vizinhos em momentos de dificuldade, atender os filhos de outras famílias em algumas ocasiões, emprestar alimentos, proteger a comunidade de problemas externos, que colocariam em risco este “ambiente comunitário”. Dessa forma, laços sociais

¹² O bairro 6 de Maio, nome dado em referência ao dia de sua fundação, em 1980, está localizado em Amadora, cidade que faz parte da Área Metropolitana de Lisboa Norte, ao lado do bairro de Benfica, na cidade de Lisboa.

se fortalecem numa espécie de comunidade, indo na contramão da desintegração das relações sociais. (Gusmão, 2005; Costa, 2000).

Na Cidade Tiradentes, a solidariedade entre os moradores é ressaltada principalmente nos momentos de dificuldade de algum vizinho. Os jovens entrevistados lembram que o importante, ao prestar alguma ajuda, é a retribuição oferecida em outro momento da pessoa que recebeu o auxílio. Esta forma de comportamento pode ser encontrada em diversas relações estabelecidas no bairro, e extrapola limites impostos pela dificuldade financeira das pessoas.

Existe aquela coisa de você acordar cedo e pedir um pouco de açúcar pro vizinho. Isso é uma coisa que eu admiro muito. Pra ajudar pobre somente sendo pobre. Você sabe a dificuldade do outro, sabe que o dia de amanhã pode ser difícil pra você e alguém pode estar melhor. Então, existe muito disso. Aconteceu várias vezes de uma vizinha ta passando fome e, sem ela saber a vizinha faz um mutirão entre os vizinhos pra ajudar a outra. A gente passou por uma fase difícil pra caramba e assim os vizinhos eram solidários com a gente. (Morador da Cidade Tiradentes, 29 anos).

Cidade Tiradentes também possibilita maior convivência entre jovens brancos e negros, favorece redes de amizade interétnicas, o que dificilmente ocorre em outros bairros da cidade, principalmente dos segmentos médios e altos em que há a predominância de brancos. Todos os entrevistados dizem não ter problemas em fazer amizades, namorar ou casar com outros jovens brancos¹³.

No bairro 6 de Maio há grande predominância de imigrantes cabo-verdianos e de seus descendentes nascidos em Portugal, o que dificulta ainda mais a formação de redes de amizade e matrimônios interétnicos, embora os jovens entrevistados tenham destacado amizades com portugueses brancos (todos os entrevistados têm namorados ou estão casados com companheiros, também negros), o que facilita a reprodução ou recriação de características cabo-verdianas. Cabo Verde se tornou a grande referência aos jovens do bairro 6 de Maio.

¹³ De acordo com Telles, “apesar da preferência pela endogamia, os níveis de casamentos inter-raciais são relativamente altos no Brasil” (2003, p. 139), aumentando, se comparados com informações de censos anteriores. Do total de casamentos, 12,6% foram inter-raciais no senso de 1960. No censo de 1991, os casamentos inter-raciais representavam 23,1% do total de uniões matrimoniais (Telles, 2003: 141). Nesse aspecto, ao analisar os dados do senso do IBGE de 1991, Telles (2003) ressalta que, nos casamentos inter-raciais, há uma evidente preferência dos homens e mulheres brancos pelos mestiços, em detrimento da população negra. Para Telles (2004), o mestiço tem mais possibilidade de casar-se com brancos e brancas. Mesmo entre os segmentos mais pobres da sociedade, onde a convivência interétnica é maior, continua o preconceito contra o negro. À época das entrevistas na Cidade Tiradentes, nenhum jovem estava casado. Entre os que estavam namorando (6 jovens), apenas uma namorava uma mulher branca.

Mesmo sem conhecer o país de origem dos pais, há uma idealização de Cabo Verde, fazendo desse país um contraponto à realidade vivenciada em Portugal.

Essa convivência começou a mudar nos últimos anos. Diferentemente da percepção dos entrevistados da Cidade Tiradentes, de que a solidariedade e o sentimento de maior segurança cresceu nos últimos anos, entre todos os entrevistados do bairro 6 de Maio, a percepção sobre solidariedade e segurança são coisas do passado, sendo destacado o crescimento do tráfico e do consumo de drogas dentro do bairro, como a principal razão para a sensação de insegurança. Isto fez com que as pessoas desconfiassem umas das outras, afetando algumas características destacadas como positivas pelos moradores do bairro 6 de Maio, como o relacionamento entre os vizinhos e a solidariedade,

Hoje em dia o único ponto positivo que continua até hoje é a vizinhança. O pessoal se dá bem com toda a gente. Hoje não há tantos como antes, porque antes a gente ia brincar, deixava a porta encostada, a gente brincava até as duas três da manhã. Quando na minha infância, não havia problema. (...). Hoje se você ver todas as portas estão fechadas (eram mais ou menos 21h), por causa do medo, da violência. O tráfico começou a crescer. (Morador do 6 de Maio, 23 anos).

Os relatos dos jovens apontam o aumento do tráfico de drogas como o marco na mudança de comportamento das pessoas e na mudança de relacionamento entre os vizinhos¹⁴. Alguns entrevistados identificam como na segunda metade da década de 1990, o período do crescimento do tráfico de drogas no bairro 6 de Maio.

O comportamento solidário destacado pelo entrevistado acima nos remete à característica apresentada como elemento forte no relacionamento dos seus pais, imigrantes cabo-verdianos. A solidariedade dos imigrantes era uma das formas de resistir aos problemas encontrados na sociedade portuguesa. Para muitos entrevistados, alguns valores estão se perdendo com as novas gerações, como se os mais jovens não dessem continuidade aos costumes que classificam como sendo de origem dos seus pais.

Comparo Cabo Verde como se fosse um meio rural, onde as pessoas se sentem seguras. Porque é um país pobre e as pessoas, como não têm recursos materiais, a riqueza que as pessoas têm é entregarem-se. O bom que tem é a solidariedade, a

¹⁴ Muitos entrevistados citaram a remoção (resultado do PER) de famílias do bairro Casal Ventoso, em Lisboa, que coincide com o aumento do tráfico de drogas no bairro 6 de Maio. Casal Ventoso era um bairro degradado e conhecido pelo narcotráfico. O tráfico de drogas surgiu no bairro Casal Ventoso no início da década de 1980, mas se intensificou no início da década de 1990 (Chaves, 1999, p. 237).

amizade, a entre ajuda, é o vizinho que empresta um bocadinho de sal. E eram coisas que neste bairro existiam no início, onde as pessoas tinham os bons costumes da terra. Agora perdeu-se, foi se perdendo. Se calhar, de fato, há características próprias do povo cabo-verdiano, que quando vieram trouxeram, obviamente. (Morador do 6 de Maio, 26 anos).

Consideradas como reflexo da imigração e estratégia de “proteção” num novo país, as noções de comunidade e solidariedade são destacadas como uma característica típica do cabo-verdiano. Apesar de o entrevistado nunca ter colocado os pés em Cabo Verde, o país aparece com uma imagem idealizada, construída e transmitida a partir da convivência familiar e com vizinhos que de lá vieram.

Os jovens entrevistados no bairro 6 de Maio condicionaram os problemas de insegurança, solidariedade e violência, com a perda de identificação dos mais jovens com a cultura recriada dos pais no bairro. Este fato contribui, segundo eles, para o distanciamento dos mais jovens do bairro, não servindo mais como referência cultural. Segundo relatos, os mais jovens estão assimilando valores da cultura portuguesa, como o consumismo, o individualismo e a falta de respeito com o mais velhos.

Mudou muita coisa, mudou a maneira de olhar das pessoas, a maneira das pessoas serem, porque antigamente o bairro todo era como se fosse uma família. Havia respeito pelos mais velhos, agora os mais novos não respeitam os mais velhos. Hoje em dia não, se visse um miúdo se comportar mal e eu fosse repreender o miúdo, ele iria reclamar e dizer que eu não tenho nada a ver com isso, que não sou nem sua mãe nem seu pai. (Morador do 6 de Maio, 21 anos).

Portugal e os valores predominantes nesse país surgem como elementos negativos para alguns jovens entrevistados. Assim, para esses jovens, a integração com a sociedade portuguesa pode acarretar no distanciamento com os valores que eles elegem como característicos de Cabo-Verde e do bairro.

A construção das identidades das minorias nessas sociedades está vinculada a uma condição repleta de privações sociais, que perduram até os nossos dias. No entanto, não é necessário um padrão de comportamento ou de valores distintos dos grupos dominantes para ocorrer discriminação. Os padrões de conduta e de comportamento dos grupos entrevistados, nos bairros 6 de Maio e Cidade Tiradentes, podem ser considerados próximos aos grupos dominantes.

No caso específico do bairro 6 de Maio, o processo de identificação dos jovens passa pela proximidade e semelhança na condição social, entre os imigrados e seus descendentes, no interior da sociedade portuguesa e por elementos culturais pertencentes aos imigrados, como a língua crioula. No entanto, deve ser destacado que a elaboração das identidades dos grupos imigrados é “o

resultado de uma construção simbólica que procura revalorizar o que é desvalorizado nos processos de discriminação a que estão sujeitos” (Pires, 2003, p. 101).

Eu prefiro que me chamem de preto, e ai de alguém falar alguma coisa de alguém de cor. Eu pessoalmente já nem ligo pra isso, que me chamem de africano, cabo-verdiano, negro. Eu pessoalmente já nem ligo pra isso também, as pessoas que tenho à frente, vejo a pessoa como pessoa, nem penso muito na cor. (...) Sou português, mas me identifico muito com Cabo Verde, por causa dos meus pais, deste bairro onde vivi e isto por ser uma comunidade fechada ao resto da comunidade portuguesa. Então, nesta comunidade fechada, tivemos o privilégio também de conhecer as origens dos nossos pais e, também da nossa cultura cabo-verdiana. Pois agora eu posso dizer que sou oficialmente, objetivamente sou português, mas Cabo Verde é algo que está muito presente em mim e vai até a morte. (Morador do 6 de Maio, 25 anos).

Em relação às experiências relatadas na entrevistas em Cidade Tiradentes, a filiação religiosa dos jovens entrevistados pode ser destacada, aparentemente, como elemento de distinção de grupo. Nas entrevistas realizadas na Cidade Tiradentes, todos os jovens passaram por diferentes religiões, como espiritismo, cristianismo (católicos e evangélicos), candomblé, budismo, umbanda, rastafaris¹⁵, como lembrou um entrevistado.

Eu não acreditava em nada. Na minha família, a minha mãe era budista, mas ela caiu pro lado da umbanda. Quando eu vim pra cá, eu não tinha religião. Depois de um susto na minha vida, eu passei a acreditar em Deus. Tentei ir pra igreja evangélica, a Congregação, e percebi que a palavra do homem fala muito mais forte que a palavra de Deus dentro da igreja. Frequentei o budismo, durante um certo tempo, conheci um pouco e não consegui assimilar algumas informações, não me adaptei. (Morador da Cidade Tiradentes, 29 anos).

Nas experiências dos entrevistados é comum encontrar diferentes filiações religiosas dentro de uma mesma família, demonstrando que no interior das

¹⁵ *Rastafari* é um movimento político-religioso criado na década de 20, na Jamaica, por Marcus Garvey. Garvey nasceu na Jamaica em 1887. Aos 15 anos se envolveu com o jornalismo de esquerda em Kingston, onde ganhou fama de organizador e pregador político. Em 1916, foi para os EUA onde fundou a U.N.I.A. (Associação Universal para o progresso do homem negro), veículo organizado para promover a salvação dos negros pelo repatriamento para a África. Em Nova York, fundou o *Negro World*, um jornal voltado para a defesa de um “nacionalismo negro” cujo o lema era “Um Só Objetivo, Um Só Deus, Um Só Destino”. morreu em 1940, sem nunca ter ido à África. Em 1952, foi proclamado herói nacional.

famílias dos jovens entrevistados da Cidade Tiradentes não existe preocupação na reprodução das religiões de matriz africana, como um dos elementos de identificação importantes da cultura¹⁶ afro-brasileira. Entre alguns entrevistados¹⁷ da Cidade Tiradentes, a religião, enquanto importante elemento cultural da população negra, não foi considerado como referência na construção da identidade racial. Outros aspectos se destacaram neste processo, como questões relacionadas à aparência.

No meu cabelo eu já fiz de tudo, já fiz permanente, já alisei, já trancei. Agora faz uns bons anos que eu não aliso, só uso meu cabelo natural. A pessoa alisa o cabelo porque quer se aproximar do bonito, do padrão bonito. (...) eu alisei na infância, até os doze, treze anos, quando ainda minha mãe me condicionava. Minha mãe que alisava. Depois não, fui pegando conhecimento e aí não quis mais. As pessoas que alisam se sentem feias, do jeito que elas naturalmente são. Então, na verdade é uma questão de aceitação. Elas não aceitam o natural delas. Mas isso é imposto a elas, mas vai muito da criação que a pessoa tem. As mães e as pessoas falam “tem que alisar pra ficar bonito”, porque o cabelo crespo do jeito que é não é bonito é feio. É muito esta questão de não se aceitar, de não se achar bonito, da maneira que é. É uma questão de beleza, de mudar, entendeu, de mudar o visual, normal. Até aí eu não condeno ninguém. Mas eu acho que a raiz do problema é nisso, de não se achar bonito de se achar feio. E às vezes, por exemplo, eu por usar o cabelo crespo, muitas pretas também que alisam, podem querer me discriminar por isso, entendeu, por eu não alisar. Elas falam “alisa esse cabelo, você não se cuida”. Já ouvi muita coisa nesse sentido, de que é feio. (Moradora da Cidade Tiradentes, 21 anos).

Além da cor da pele, os traços físicos também são alvos de discriminação. Os lábios grossos e o nariz largo de boa parte de afro-brasileiros são motivos de chacotas e piadas. O cabelo também se apresenta como elemento de contraste do que é considerado belo e bonito na sociedade brasileira. Em decorrência disso, diversas denominações são reproduzidas no nosso cotidiano por meio das piadas, das músicas, das conversas do dia-a-dia. Expressões como “cabelo pixaim”, “cabelo de molinha”, “cabelo de bombрил”, “cabelo ruim”, “cabelo

¹⁶ “...deve ser observado que a cultura é um conceito muito mais vasto do que consciência étnica. A consciência étnica é aquela pequena parte da consciência coletiva que se refere a noções sobre a relação de um grupo étnico particular com os outros. No entanto, a consciência étnica não é apenas uma vertente da cultura e da diferença cultural. Além disso, implica também a utilização de elementos da cultura étnica para se distinguir de outros” (Vermeulen, 2001, p. 134).

¹⁷ Alguns dos jovens entrevistados interiorizaram os estereótipos e representações sociais sobre as religiões de matriz africana, divulgadas principalmente por religiões evangélicas, e associam as religiões de origem africana com magia, com satanismo, com feitiçaria.

duro”, dentre outros, são falados frequentemente pelas pessoas de forma quase naturalizada. Todos esses elementos são parte constituinte do ambiente escolar em ambos os países.

Escola

A instituição escolar é um instrumento que, em ambos os países, tem por objetivo e função agregar e respeitar biografias, valores, sentimentos, desejos que são próprios de cada indivíduo. No entanto, a escola também se apresenta como meio para o enraizamento de dois elementos: reproduz o que podemos chamar de consciência nacional, por meio de uma identidade nacional, criando elementos históricos e culturais para que um povo se identifique com sua nação; reafirmação da segregação sócio-espacial imposto aos grupos subordinados de nossa sociedade.

Assim, ao invés da escola ser um espaço de socialização, assimilação e integração das diferentes culturas existentes em nossa sociedade, ela desqualifica e desvaloriza o que é diferente, na tentativa de homogeneizar dentro de uma proposta político pedagógica de transmitir uma história oficial. Assim, a cultura nacional pressupõe uma consciente negligência das diferenças sócio-culturais e históricas de seus membros, como, gênero, étnico, religioso, etc. A convergência ou superação das diferenças foi a meta da cultura nacional.

Neste cenário de invisibilidade e apartação étnico-social, a escola é o espaço que o poder público tem para sociabilizar e integrar crianças e jovens desqualificados socialmente, com o objetivo de incluir, também culturalmente, aqueles grupos que estão em situação sócio-econômica precária e marginal. Mas, de acordo com Bourdieu, que retoma Durkheim e seus sucessores sociólogos do ensino com perspectiva antropológica, esses apresentam o perfil do ensino tradicional, modelo aplicado nas escolas portuguesas e brasileiras, na qual a escola tem a função de promover integração cívica, deixando de se preocupar com estratégias de integração cultural.

A instituição escolar proporciona aos “indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação” (Bourdieu, 2007, p. 205). Nesse sentido, a escola tradicional assegura a transmissão de uma história oficial, de uma cultura consensual. Portanto, é caracterizada por defender e reproduzir “uma história singular e capaz de modelar os espíritos dos discentes e docentes tanto pelo conteúdo e pelo espírito da cultura que transmite pelos métodos segundo os quais efetua esta transmissão” (Bourdieu, 2007, p. 227).

A escola, ao lado da família, segundo Bourdieu, são os pilares na construção da relação que o indivíduo e os grupos mantêm com sua “própria

cultura”. Por isso, é importante verificar como e de que maneira ocorre esta transmissão, para depois analisar o nível de identificação ou rejeição que os indivíduos e os grupos possuem com a sua própria cultura. Esse processo se torna complexo e cheio de paradoxos, quando os indivíduos e grupos pertencem a minorias étnicas e aos segmentos mais pobres da sociedade que historicamente foram subordinados.

O sistema educacional de ambos os países sempre se preocuparam com identidade e cultura nacional, deixando invisível nos currículos escolares outras narrativas históricas, patrimônios, heranças de outros grupos étnico-culturais. Portanto,

...a concepção de escola que aqui se apresenta é a mesma que, de modo mais ou menos generalizado, se tem sobre educação: a de que a escola, ao praticar educação, se faz agente de transmissão de um corpo de conhecimento dado e possibilita a mudança de atitudes, comportamentos e valores, sempre no sentido esperado e inscrito do(s) projetos(s) institucional(ais) e, em acordo com a sociedade vigente (Gusmão, 2005, p. 253).

Aqui, enquanto o bairro é um espaço onde se desenvolve sociabilidades e solidariedades, conflitos e tensões de motivações étnico-sociais, a escola deveria ser espaço de assimilação social e cultural e atuar no sentido de discutir, problematizar e diluir as diferenças e diversidades existentes em ambas as sociedades.

Diante de tantos dilemas, a instituição de ensino deveria ser organizada como um meio de diminuir as desigualdades sociais. Todavia, é no ambiente escolar que também se processam e são reproduzidos tensões e conflitos sociais e étnicos. Em suma, a escola também é um espaço em que os jovens negros brasileiros e portugueses enfrentam problemas de discriminação.

Tanto no Brasil como em Portugal, um dos problemas enfrentados pelos jovens negros entrevistados é o insucesso escolar. Este se tornou um dos principais fatores responsáveis pelos jovens negros terem índices que demonstram menos anos de permanências nas escolas¹⁸, em comparação com os brancos dos seus respectivos países (Silva, 2004; Telles, 2003; Andrade, 1996; Vala, 1999; Pires, 2003; Saint-Maurice, 1997). Em ambos os países, o insucesso escolar é reflexo

¹⁸ Embora os entrevistados de ambos os países tenham maior escolaridade em relação aos seus pais, isso não traduz em garantia de encontrar funções de trabalho mais qualificadas. Entre os entrevistados na Cidade Tiradentes, eles desempenham funções na limpeza pública e residencial, portaria de edifícios, empresas de tele-marketing ou trabalhos temporários. No 6 de Maio, desempenham funções na construção civil e limpeza pública e residencial, garçom, trabalhos temporários. Isso demonstra pouca mudança nas desigualdades sociais, o que decorre dos obstáculos de mobilidade social impostos.

da falta de incentivo aos estudos, dos problemas familiares e das condições sociais destes grupos, que necessitam entrar no mercado de trabalho muito cedo, atrapalhando a frequência e o rendimento escolar.

Para os entrevistados do bairro 6 de Maio, a língua aparece como um dos principais problemas. O crioulo¹⁹, que é ensinado e falado nas casas dos cabo-verdianos e no bairro, tornou-se um dos principais obstáculos no processo de escolaridade e na inserção das crianças na escola. É comum crianças, nascidas em Portugal, chegarem às escolas sem saber falar uma frase em português, fato que dificulta a aprendizagem das disciplinas curriculares. Em algumas ocasiões, o crioulo é utilizado para provocar alunos ou professores, que em muitos casos os repreendem e os proíbem de falar outra língua dentro da sala de aula e na escola. Assim, a língua crioula, ao lado da pele escura e do bairro onde moram são os principais motivos que dificultam a socialização e assimilação dos alunos nas escolas.

Essa foi uma das questões de preocupação que os pais dos jovens entrevistados tiveram, com a alfabetização da língua portuguesa para que esta fosse um problema a menos no processo de integração dos seus filhos, e para evitar problemas de insucesso escolar.

Apesar de ser uma preocupação de quase todos os jovens entrevistados do bairro 6 de Maio, os mesmos destacaram que esta não é uma realidade que se apresenta para grande parte das famílias negras portuguesas de origem em Cabo Verde. Nem todas as famílias têm essa prioridade de educar ou ensinar os filhos na língua portuguesa, e muitos consideram a língua crioula como uma estratégia de resistência e identificação cultural de grupo ou com a terra dos pais, e também como uma forma de distinção do seu grupo, em oposição ao português branco.

Quero sempre ter o cuidado de não afastar da origem que foi minha e que foi dos meus pais. Sempre, primeiro o que é Cabo Verde, como é que nós vivemos, como é o nosso crioulo, mas tá, sempre ter o cuidado de falar sempre em português.

¹⁹ O crioulo é a língua falada pelos cabo-verdianos em sua terra natal. Ainda no período colonial, o crioulo foi motivo de conflitos e discussão. Em oposição aos particularismos, que poderiam colocar em cheque a ideologia luso-tropicalista, Gilberto Freyre (1953b, p. 301) repugnava e condenava o crioulo em Cabo-Verde. O escritor tinha a certeza que a língua crioula era um forte obstáculo ao projeto de miscigenação do arquipélago, e que era um dos elementos que corroboravam com a africanização de algumas ilhas. Os colonos portugueses também encaravam o crioulo como um obstáculo ao seu domínio, já que para os africanos escravos da ilha, essa língua servia como ato desobediência e de rebeldia (Gusmão, 2005, p. 78). Os africanos utilizavam a língua crioula como resistência ao domínio cultural português, e como meio de comunicação com o objetivo de não ser compreendidos pelos colonos. Portanto, desde a colônia, a língua crioula é reproduzida e utilizada como elemento de resistência e rebeldia contra o domínio cultural, e de identificação social.

Primeiro português, depois podem aprender a falar crioulo, pra falar com os amigos. Depois de eles saberem o português, vou ensinar o crioulo. (...) O insucesso escolar o não é só devido a isso, mas sempre influencia um bocado. E as escolas não tem nenhuma preocupação, esta criança tem mais dificuldade porque sempre falou outra língua. É um choque para as crianças. Durante toda vida falaram de uma maneira em casa e chega na escola e tem que falar de outra maneira. (Moradora do 6 de Maio, 22 anos).

Para esta jovem, a língua é uma barreira para a inserção e socialização dos imigrantes e portugueses negros, ainda que defenda que o crioulo continue sendo falado por todos e transmitido aos seus filhos, como forma de preservar um legado cultural deixado pelos pais.

Em decorrência da adesão de Portugal à Comunidade Européia, o país teve que seguir diretrizes no desenvolvimento de políticas públicas sociais e culturais. A formação dos professores e os currículos escolares sofreram mudanças, no sentido de atender a diversidade étnica e cultural, voltado às minorias locais, representadas principalmente por filhos de ex-imigrantes africanos.

Dessa forma, na segunda metade de 1993²⁰, Portugal implantou um projeto educacional visando uma política de tolerância e multiculturalismo em algumas escolas públicas, principalmente em Lisboa e nas cidades vizinhas. As escolas selecionadas foram aquelas com forte presença de crianças e jovens portugueses negros. Além das diretrizes colocadas pela Comunidade Européias, a implantação dessa política educacional teve outras motivações como, principalmente, o insucesso e a evasão escolar. No entanto, para alguns dos entrevistados do bairro 6 de Maio, as políticas governamentais não surtiram nenhum efeito no período em que foram estudantes²¹.

No quinto e sexto ano a maioria eram negros, mas a escola não tinha nenhuma preocupação. Mas, normalmente, a gente procurava falar mais português por causa da presença do professor. Quando o professor ouvia a gente falar em crioulo, chamava nossa atenção. Mas já era hábito falar em crioulo com os nossos amigos, com o pessoal lá da escola, só em alguma cena tinha a mistura em falar e escrever alguma cena. (Morador, 6 de Maio, 23 anos).

As repreensões e proibições continuaram, mesmo depois da implantação do novo plano educacional, segundo alguns jovens entrevistados. Alguns afirmaram que muitos jovens negros utilizam o crioulo, primeiro, como fronteira

²⁰ O ano letivo em Portugal tem início em setembro de cada ano e termina em junho do ano seguinte.

²¹ Todos os entrevistados no bairro 6 de Maio estudaram em escolas onde o projeto foi desenvolvido.

linguística de diferenciação e afirmação cultural e, segundo, como forma de criar situações constrangedoras para quem não compreende esta língua. Mas a maioria dos entrevistados afirmou que o crioulo é falado naturalmente quando estão num ambiente favorável, com dois ou mais luso-africanos.

Alguns entrevistados disseram que alguns jovens reprimem esta conduta, pois a continuidade deste costume poderia levar à intensificação dos problemas aos jovens estudantes.

Digamos que na escola a única coisa que eu sempre me lembro era sempre com minha professora de Psico-sociologia. Naqueles debates de temas da sociedade, tipo todos falavam e eu e minha professora discutia. Tipo “vocês vêm e colocam música alta e nós não somos obrigados a ouvir a vossa música africana”, eu disse, “professora, você não é obrigado a ouvir a nossa música, a gente vem e quem quiser aceitar a nossa cultura, aceita, ninguém é obrigado a aceitar a nossa cultura, nossa maneira de viver, nossas músicas, só aceita quem quer”, e ela respondia que “não pode ser assim”. (Morador do 6 de Maio, 23 anos).

Tal conduta contribuiu para o sentimento de pertença ao grupo, decorrente do envolvimento dos jovens com outros da mesma origem étnica que, associada à língua, pode apresentar em alguns momentos aspectos negativos, como a não inserção e assimilação social e insucesso escolar e, noutros momentos, positivos, como a preservação de um elemento cultural do país de origem dos pais e como um instrumento aglutinador, que estabelece a contraste com o grupo dominante, favorecendo a identidade de grupo²².

As escolas localizadas fora do bairro 6 de Maio se tornam, na maioria das vezes, o primeiro contato da criança luso-africana com o português branco. Trata-se de um problema a mais, porque o negro passa a ser minoria nesses espaços, um cenário completamente diferente do vivido dentro do bairro 6 de Maio. Somente nos anos seguintes, alguns entrevistados disseram que a maioria da sala de aula era constituída por portugueses negros.

²² Em oposição aos particularismos, que poderiam colocar em cheque a ideologia lusotropicalista, Gilberto Freyre (1953b, p. 301) repugnava e condenava o crioulo em Cabo-Verde. O escritor tinha a certeza que a língua crioula era um forte obstáculo ao projeto de miscigenação do arquipélago, e que era um dos elementos que corroboravam com a africanização de algumas ilhas. Os colonos portugueses também encaravam o crioulo como um obstáculo ao seu domínio, já que para os africanos escravos da ilha, essa língua servia como ato de desobediência e de rebeldia (Gusmão, 2005, p. 78). Os africanos utilizavam a língua crioula como resistência ao domínio cultural português, e como meio de comunicação com o objetivo de não ser compreendidos pelos colonos. Portanto, desde a colônia, a língua crioula é reproduzida e utilizada como elemento de resistência e rebeldia contra o domínio cultural, e de identificação social.

No Brasil, a escola pública está a várias décadas em crise, desde deficiências na formação dos professores, na ausência de formação continuada dos mesmos, passando pela falta de reconhecimento profissional e financeiro por parte do Estado e terminando na rejeição da escola pelos alunos, resultando na falta de comprometimento destes com o ensino, com os professores e com a estrutura física da escola. Há, portanto, um distanciamento entre os sujeitos que protagonizam o cotidiano da escola: direção, professores, alunos e pais.

Na escola, local de assimilação e discussão sobre diferenças e diversidade, reproduz-se relações preconceituosas e de discriminação. Apelido e piadas aparecem com frequência nas entrevistas dos jovens negros brasileiros, embora alguns tenham declarado que nunca sofreram, perceberam ou foram vítimas de discriminação na escola, encarando condutas racistas como “normais”. Há entrevistados, contudo, que identificaram a discriminação, e relataram que, na escola, além dos problemas como piadinhas e apelidos, houve também problemas com os professores, que mal trataram os entrevistados, ou desprezavam-nos na sala de aula.

Uma vez eu briguei com a professora. Porque é assim, minha professora era loira, muito bonita por sinal. Eu sempre fui assim quieta, educada, pelo menos isso eu aprendi. E um dia ela entrou na sala, acho que ela tava atacada, e disse esses “macacos e urubus”. Porque tem professora que não tá nem aí. Eu tava na 5ª série, era já uma adolescente. Aí o circo fechou, porque a maioria da sala era tudo negro. Eu levantei e disse pra todo mundo ir pra diretoria, tanto é que essa professora foi afastada. Em outras escolas que ela já tinha passado já tinha acontecido algo assim. (Moradora da Cidade Tiradentes, 26 anos).

A jovem manifestou o desejo de não ir mais à escola, pois estava constrangida. As reações a situações como essas podem causar baixa-estima, isolamento, insegurança, acarretando problemas de integração dos jovens.

A percepção de que piadas e apelidos são condutas racistas depende diretamente do grau de consciência e identificação racial²³ dos entrevistados.

²³ Os elementos e as referências da formação e do processo de identificação étnica são tomados de empréstimo do passado (Wieviorka, 2002, p. 48). Sob este ponto de vista, se agrega o sentido objetivo, que é o nível de pertencimento que a pessoa tem com um grupo étnico. O nível de pertença pode ser observado a partir do relacionamento que a pessoa tem com o seu grupo e com outras pessoas da mesma origem e os tipos de relações sociais estabelecidos com pessoas consideradas de outro grupo. Pertencer a um grupo étnico não significa que este tenha coesão ou que seja fechado, nem que tenham alguma responsabilidade ou coerência ideológica com o grupo. O que importa para este estudo é se as pessoas entrevistadas se definem como pertencentes ao grupo étnico, e qual a intensidade desta identificação. Esse processo significa a consciência, por parte dos jovens negros, das representações sociais impostas ao seu grupo, e de que maneira como reagem às imagens construídas sobre si.

Minha mãe fala assim ‘eu não suporto preto’ ou ‘preto é uma raça do inferno’ (riso) ‘preto quando não caga na entrada, caga na saída’, ela adora falar assim. Mas assim é tudo normal. Minha mãe sempre falou de preto. (...) Não, o que minha mãe faz não é discriminação, é brincadeira, é sátira. (Moradora da Cidade Tiradentes, 20 anos).

O lado mais perverso do racismo no Brasil é a reprodução dos estigmas e dos estereótipos entre a população negra. Este comportamento pode ser encarado como uma reação de alguns jovens negros que desejam se distanciar desse grupo étnico que historicamente foi desqualificado e desvalorizado, com o intuito de branquear suas condutas e seus valores. A entrevistada ainda transmite a ideia de que as expressões proferidas pela mãe “não representam condutas racistas”.

Para os jovens com nível elevado de identificação étnica, a forma de falar, o tom de voz ou ainda quem fala, pode ser interpretado como discriminação racial.

O que me recordo, numa 5ª ou 6ª série, eu tava na sala e alguém gritou, porque eu sempre usei trança, e aí alguém gritou Bob Marley, mas falando com tom de ironia, como se tivesse me ofendendo, mas pra mim é totalmente ao contrário, seria até uma questão de respeito. Mas as pessoas têm essa imagem que “ah eu tô te xingando, tô te ofendendo”, mas não é. No intervalo da aula, eu chamei o menino e expliquei pra ele, mais ou menos a situação. (Morador da Cidade Tiradentes, 29 anos).

Os fatos relatados pelos entrevistados são frequentes no cotidiano das escolas, e podem interferir no processo de identificação e causar rejeição e afastamento do seu grupo. Os obstáculos enfrentados no dia-a-dia têm influência na postura de alguns jovens negros, em negar ou não uma imagem negativa construída pela sociedade. Este é o aspecto mais complexo e paradoxal das relações raciais no Brasil, porque demonstra que parte dos jovens negros não só recusam qualquer identificação com os elementos culturais de origem africana, mas também reproduzem os estereótipos e estigmas atribuídos à cultura e aos afro-brasileiros. O desejo de embranquecer a família, por meio de casamentos interétnicos, surge como uma alternativa para se proteger e proteger seus descendentes de humilhações e discriminações.

Os bairros e as escolas onde os entrevistados moram, estudaram e relataram suas experiências cotidianas deveriam ser espaços de integração, assimilação e socialização. Também deveriam proporcionar elementos ao desenvolvimento da percepção de pertença ao grupo étnico e, conseqüentemente, para a percepção de racismo em ambas as sociedades.

A consciência de que há uma construção social pejorativa e desmedida sobre a imagem destes bairros reflete na formação e na visão dos jovens

entrevistados, principalmente sobre o próprio bairro. Crescer em ambientes desfavoráveis à sua socialização pode comprometer o amadurecimento do indivíduo e sua formação como sujeito. Ser foco de discriminação devido à sua origem social, cor da pele e alvo de representações sociais e étnicas carregados de estigmas, pode inviabilizar a construção de uma auto-imagem positiva da pessoa e do grupo ao qual pertence.

Considerações Finais

Meu objetivo não foi verificar se existe ou não práticas de discriminação étnico-social em Portugal e no Brasil. Minha análise partiu do princípio de que essa discriminação é um fenômeno que faz parte da estrutura das relações sociais nos dois países, e de que o fenômeno existe devido aos vetores deste comportamento, que são motivados tanto pelas diferenças culturais, como pela crença nas desigualdades étnicas. Dessa forma, os comportamentos discriminatórios são alicerçados nas diferenças culturais e naturalização das desigualdades.

Como vimos, embora Brasil e Portugal nunca tivessem elaborado legislação de caráter racial, os dois países desenvolveram políticas públicas de cunho segregacionistas. A formação dos dois bairros abordados neste texto e os conflitos relatados pelos entrevistados nas escolas demonstram que na administração pública e nos cotidianos destes jovens, se confirma a reprodução da inferiorização, desqualificação e controle a que foram submetidos esses grupos ou minorias, numa relação de submissão com os segmentos dominantes da sociedade.

Entre os jovens negros portugueses do bairro 6 de Maio, eles demonstraram preocupação com a língua, principalmente com a inserção e assimilação social do seu grupo nas escolas. Em decorrência disso, alguns jovens relataram que ensinariam a língua crioula para seus filhos bem depois deles serem alfabetizados na língua portuguesa, correndo o risco de deixar de reafirmar, ou até mesmo de dar continuidade ao patrimônio cultural herdado dos pais, a partir de um dos principais elementos culturais de identificação cabo-verdiana.

Em relação à Cidade Tiradentes, as experiências relatadas apontam para as piadas e apelidos impostos pelos colegas de sala ou mesmo pelos próprios professores, como obstáculo a assimilação e maior socialização na escola. Dentre as várias consequências dessas experiências, pode ocorrer com que os jovens, vítimas de atitudes discriminatórias, interiorizem essas características, acarretando em dificuldade de identificação cultural, no isolamento e em dificuldades de aprendizagem e socialização.

É importante chamar a atenção para o fato de que as particularidades e qualidades destacadas por todos os jovens entrevistados sobre os respectivos bairros, em maior ou menor grau, não são suficientes para que eles desejem continuar morando, ou mesmo educar seus filhos nos mesmos locais onde foram criados. Todos os jovens entrevistados, dos dois bairros, disseram que um dos objetivos que possuem a curto ou médio prazo, é deixar de morar nos seus respectivos bairros.

Portanto, a noção de comunidade que os jovens de ambos os bairros destacam como uma qualidade, não é suficiente para minimizar os problemas e as dificuldades da região, como também não é suficiente para assegurar a permanência dos jovens nestes territórios. Além dos problemas destacados, a desqualificação social, os estigmas, os estereótipos, o preconceito e a imagem que ambos os bairros representam também são fatores determinantes que influenciam no desejo de deixá-los. Impedi-los de circular na cidade e mantê-los longe das melhores escolas, das melhores universidades, ou seja, do poder, são algumas das estratégias para reproduzir e conservar os estigmas, os estereótipos e o histórico processo de desqualificação social dos jovens negros portugueses e brasileiros.

A instituição que deveria ser um dos primeiros espaços de socialização e reconhecimento das culturas, das histórias e das representações do sistema social, a escola é apontada pelos entrevistados nos dois bairros como local (re)produtor da discriminação, em que os jovens enfrentam problemas de integração e relacionamento. Ao invés de atuar no sentido de assimilação das diferenças, de socializá-las nas regras, inserir e destacar a diversidade do multiculturalismo, a escola está preocupada na transmissão de símbolos nacionais e na história oficial da nação.

Todos esses são problemas que motivam jovens a abandonarem a escola. No entanto, deve-se considerar também que outros fatores motivam o insucesso e evasão escolar, além das questões apresentadas aqui, como a pobreza e miséria que refletem em ambientes inadequados para estudo, na má alimentação, entre outros.

Ainda que no Brasil e em Portugal existam campanhas contra a discriminação racial, e do racismo ser prática publicamente condenável, acredito que as relações cotidianas estão permeadas de atitudes alicerçadas nas noções de supremacia racial branca, na escala cultural e biológica, e de comportamentos “cordialescos” baseados na ideologia luso-tropicalista. Estas ideologias que estruturam as sociedades portuguesa e brasileira, e compõem os seus sistemas sociais, se manifestam na vida e no cotidiano de cada pessoa, seja ela branca ou negra.

Dessa forma, pretendi demonstrar algumas estratégias utilizadas para

manter a população negra de ambos os países desqualificados socialmente. Ainda que exista maior preocupação de ambos os governos com a questão étnica, e que no geral a condição social de parte da população negra tenha melhorado, se comparada com gerações anteriores, continua a (re)produção dos estereótipos, dos processos de estigmatização, e também de alguns obstáculos para que os grupos subordinados não ascendam socialmente.

Os bairros segregados, a baixa qualidade da escola pública, a ausência de preocupação curricular e do comportamento de alguns professores que combatam práticas discriminatórias são o que Telles chama de “barreiras invisíveis”, que impedem a ascensão social da população negra (2003, p. 308). Embora algumas pesquisas e índices sociais apontem maior participação dos negros no mercado de trabalho, são evidentes os obstáculos que impedem o seu acesso à cidadania. O racismo é a principal barreira. O aprofundamento do debate público sobre o paradoxo das relações raciais e singularidade do racismo no Brasil e em Portugal é necessário.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Elaine Nunes. (1996). *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/USP.
- AUGÉ, Marc. (1994). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- BOURDIEU, Pierre. (2007). *A Economia das trocas Simbólicas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CHAVES, Miguel. (1999). *Casal Ventoso: Da Gandaia ao Narcotráfico*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- COSTA, Márcia Regina. (2000). Juventude, indisciplinas e novas formas de sociabilidade. In *Margem*. SP. Faculdade de Ciências Sociais, PUC/SP, n° 12.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. (2000). *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FREYRE, Gilberto. (1953a). *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Rio de Janeiro, José Olympio editora.
- FREYRE, Gilberto. (1953b). *Aventura e Rotina*. Rio de Janeiro, José Olympio editora.
- GUSMÃO, Neusa M. (2005). *Os Filhos da África em Portugal*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HALBWACHS, Maurice. (1990). *Memória Coletiva*. São Paulo, Editora Vértice.
- MACHADO, Fernando Luís. (2001). Contexto e Percepções de Racismo no Quotidiano. In *Sociologia: Problemas e Práticas*. Oeiras. N° 36: Celta Editora.
- NAKANO, Anderson Kazuo. (2002). *4 COHABs da zona leste de São Paulo: território, poder e segregação*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, FAU/USP.
- OLIVEIRA, J. M. Paquete de. (2003). Bairros: lugares do lugar a que outros não chegaram, in *Do outro lado da linha*. Amadora: Centro Social 6 de Maio.
- ORTIZ, Renato. (1993). Cultura e mega-sociedade mundial. In *Lua Nova*, São Paulo, n°s 28/29.
- PAIS, José Machado. (2003). *Vida Cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez.
- PIRES, Rui Pena. (2003). *Migrações e Integração*. Oeiras, Celta Editora.
- POLLAK, Michael. (1992). Memória e identidade social. In *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 5, n° 10.

- SAINT-MAURICE, Ana de. (1997). *Identidades reconstruídas: Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras, Celta ed.
- SANTOS, Boaventura de Souza. (2005). Os processos da globalização. In: _____. (org.) *A globalização e as Ciências Sociais*. 3 ed. São Paulo: Cortez.
- SCHWARCZ, Lílían Moritz. (1993). *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, Maria Nilza da. (2004). *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. São Paulo. Tese de Doutorado, PUC/SP.
- SOLIGO, Marina Guazelli. (2009). Desvendando o Cotidiano Adolescente numa Escola Pública da Periferia de São Paulo. In C.A.M. Pimenta (Org.) *Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa*. Porto Alegre: Armazém Digital.
- TELLA, Marco Aurélio Paz. (2009). Periferização e Estigmas: um estudo comparativo entre negros portugueses e brasileiros. In C.A.M. Pimenta (Org.) *Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa*. Porto Alegre: Armazém Digital.
- TELLA, Marco Aurélio Paz. (2006). Reação ao Estigma: O rap em São Paulo. In *Revista Enfoques*. Rio de Janeiro, v. 5, nº 1, IFCS-UFRJ.
- TELLES, Edward. (2003). *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- VALA, Jorge. (1999). *Novos racismos: perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta Editora.
- VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. (2003). *DiverCidade: Territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC.
- VERMEULEN, Hans. (2001). *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*. Lisboa: Edições Colibri.
- WIEVIORKA, Michel. (2002). *O Racismo*. Lisboa: Fenda Edições.

Resumo

Este texto aborda a segregação espacial dos negros em São Paulo e Lisboa e como a imagem estereotipada, estigmatizada e desqualificada socialmente reflete nos jovens negros nas escolas em suas respectivas cidades. A partir desse cenário, abordo a percepção de jovens negros moradores da Cohab Cidade Tiradentes em São Paulo e do 6 de Maio, na Área Metropolitana de Lisboa.

Palavras Chaves: Estigmas; Discriminação; Segregação; Identidade; Juventude.

Abstract

This paper discuss the spacial segregation of the black person ones in São Paulo and Lisbon and with the stereotyped images, stigmata and sociality disqualification reflect of these black person youths in the school in their respective cities. This scenery is the base of this study, considering the perception black person youths residents at Cohab - Cidade Tiradentes, of the city of São Paulo and 6 de Maio, in the city of Amadora, metropolitan area of Lisbon.

Key words: Stigma; Discrimination; Segregation; Identity; Youth.